

# PROJETO GERINGONÇA

[ PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA. ECOLOGIAS DA VIDA ] :

ESCRITAS E MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS NA  
FORMAÇÃO DE LUDO-ARTE-EDUCADORES

Daniele Noal Gai  
Karolyne de Oliveira Castro  
(Orgs)

## **Diagramação**

Daniele Noal Gai  
Karolyne de Oliveira Castro

## **Revisão**

Daniele Noal Gai

## **Capa e Contracapa**

Karolyne de Oliveira Castro



Daniele Noal Gai  
Karolyne de Oliveira Castro  
(Organizadoras)

**PROJETO GERINGONÇA**  
**[PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA. ECOLOGIAS DA VIDA]:**  
ESCRITAS E MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE  
LUDO-ARTE-EDUCADORES

1ª Edição

Porto Alegre  
UFRGS  
2022

## **NAVEGAR COM ARTE, SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO ESPECIAL: VENTOS QUE MOVEM O PROJETO GERINGONÇA**

*Daniele Noal Gai  
Andressa Giroto Camilotti  
Victória Jantsch Kroth*

O ano de 2018 foi de inúmeros desafios na Universidade. O país mudou muito, o cenário da educação conseqüentemente foi abalado, desinvestido e precarizado. O Projeto Geringonça andou por diferentes cenários, espaços educativos e países com o empenho e dedicação de seus participantes. Recebemos premiações e destaque pelo movimento entre unidades, entre áreas, entre profissionais e entre espaços da educação e da saúde inclusivos. Projetamos e implementamos sérios objetivos para contribuir significativamente com a inclusão e a liberdade de pessoas com deficiência e pessoas com transtornos psicossociais. Projetamos um projeto que caminhava, navegava, voava, pedalava e chegava até a comunidade, porém, sem qualquer suporte efetivo dos órgãos responsáveis por incentivo à educação superior e seus estudantes.

No ano de 2018, fizemos estudos de Nise da Silveira e Maria Montessori, construindo uma série de encontros sustentados nas propostas dessas duas autoras transgressoras em suas éticas pessoais e em suas profissões. Nise, uma médica brasileira, e Maria, uma médica italiana, ambas foram as primeiras em suas turmas de medicina majoritariamente compostas por homens, além de serem as primeiras em suas épocas a atuarem de forma notadamente singular e inclusiva. A Nise nos desafiou a pensar as fissuras que as pessoas com transtornos psicossociais produzem com suas vozes, suas artes e suas narratividades. Montessori produziu um método para crianças serem observadas antes de serem mediadas e incentivadas indistintamente e aceleradamente. Poderíamos dizer que Nise é uma referência no campo da saúde mental e Maria no campo da educação especial? E para que servem tais separações, campos, distinções e categorizações?

Aprendemos que Nise e Maria eram dedicadas em suas profissões e enérgicas também, nos questionamos sobre suas condutas pessoais e problematizamos o uso de seus métodos. Capturar pelos métodos não é o que pretendemos com o Projeto Geringonça. Ser um modelo não pretendemos com o Projeto Geringonça. Capturas, formatar e engessar as práticas de arte, saúde e educação é o que mais se faz nas perspectivas que eliminam a complexidade, a multiplicidade, a sociedade e as culturas.

**NAVEGAR COM ARTE, SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO ESPECIAL**



Figura 1: Nise da Silveira com interno de hospital psiquiátrico. Fonte: Correio Braziliense



Figura 2: Nise da Silveira com interno de hospital psiquiátrico. Fonte: Correio Braziliense



Figura 3: Maria Montessori com crianças com e sem deficiência. Fonte: Método Montessoriano



Figura 4: Maria Montessori com crianças com e sem deficiência. Fonte: Método Montessoriano

## **NAVEGAR DESDE A ESCOLA DE ASSENTAMENTO ATÉ O CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Navegar desde a escola de assentamento da reforma agrária ao centro de atenção psicossocial: espaços que perambulamos com nossa Geringonça (2018) e nosso modo de ser Geringa. O que pensamos em educação está longe dos manuais tradicionais e/ou ortopédicos da saúde (que sabemos da existência de ouvir, de ver, de ler, de estudar e de viver - somos usuárias dos sistemas). O que inventamos para navegar e para agir em

espaços diversos (e em meio a divergência, inclusive) de educação e de saúde, está distante da saúde que diagnostica afirmando incapacidades, faltas, defeitos, impossibilidades e limites. Desde a universidade à comunidade almejamos produzir encontros alegres e potencializadores de vida (aprendizagens e saúdes).

Neste ensaio narrativo mostramos percursos coletivos singulares em um Projeto que circula pela educação e pela saúde, e que afirma as pedagogias da diferença e a ecologia da vida. Projeto que se inscreve nas vidas de seus participantes, e uma vez participantes, autores e escreventes. Trata-se de uma pesquisa cartográfica? Trata-se de uma pesquisa ou extensão? O que afirmamos na universidade diz respeito à multiplicidade e à composição, sendo inseparável - ao nosso modo e ao nosso fazer -, o ensino, a extensão e a pesquisa.

Façamos com singeleza esse exercício de pesquisa (ensino e extensão): geringonça, multiprofissional, entre filosofias, com pedagogias, na diferença diferindo. Esta proposta de pesquisa (ensino e extensão) vem sendo desenvolvida junto com estudantes de graduação e de pós-graduação, estudantes autodidatas que não se filiaram à universidade, estudantes que se filiaram a este Projeto por lerem de modo autodidata textos filosóficos nômades que dialogam com a contemporaneidade. Este movimento de pesquisa, de escrita, apresentará detalhes de um Projeto que consideramos relevante justamente por promover aprendizagens em espaços diversos para e com pessoas com múltiplos corpos. Estar com, fazer com, construir com, inventar com, aprender com, ensinar com, conversar com: com-viver é uma ética plausível no contemporâneo com grande saúde! Como um contemporâneo com grande saúde? Afinal, quem tem grande saúde, as pessoas, a natureza, as coisas, o contemporâneo? Sim, neste projeto descolamos os olhares e entendemos com tanta importância a ecologia quanto a economia, seja dos afetos seja dos desejos. Sim, neste projeto pensamos na ética da natureza, nos direitos da natureza, inclusive. Sim, neste projeto interessamo-nos pelas pessoas que aprendem e vivem de outras formas e com outros corpos.

A educação não é, todavia, apenas ou basicamente uma questão de conhecimento. Ao estudarmos, com certeza obtemos conhecimento, aprendemos fatos, mas, sobretudo, estimulamos nossa inteligência; isto é, desenvolvemos e exercitamos nosso poder de pensar. Nesse sentido, em seu nível mais básico, a educação é sempre autodidatismo. Ninguém pode estudar por você, e o poder de pensar já está sempre dentro de você. Sua inteligência tem de ser cultivada. O autodidatismo, claro, não significa livrar-se de professores ou destruir escolas. Significa que esses relacionamentos e essas instituições devem ser orientadas para a criação de ambientes que conduzem ao estudo. A maior contribuição que um professor pode dar é o reconhecimento de que cada aluno tem o poder de pensar e o desejo de usar essa inteligência para estudar. O estudo é a essência do autodidatismo

e, infelizmente, é bastante raro nas formas atuais de educação. O autodidatismo deve ser organizado como um exemplo - talvez o exemplo paradigmático - de acesso livre ao comum, incluindo informações, conhecimentos, ferramentas de estudo etc., livre de obstáculos financeiros e também de obstáculos provenientes do dogmatismo e da censura (NEGRI; HARDT, 2016, p. 103)

## **ARTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO: É PRECISO UMA RECEITA PARA NAVEGAR?**

Educação? Saúde? Educação e saúde? Quais as ligações que podemos tecer? O que podemos pensar, relacionar, misturar, criar? E se adicionarmos Arte à essa mistura, será que esse bolo cresce? Será a saúde a forma, educação a massa e a arte o fermento? Será que é possível separá-las? E o bolo dá certo sem um desses ingredientes? Podemos criar novas receitas com eles? Qual o papel de cada um para que a receita dê certo? Saúde o suporte, educação a base, arte a vida. Esse movimento, que se denomina Geringonça, tem em sua experiência, o sentir, o coletivo, o estudo, a leitura compartilhada, as outras formas de escritas que não somente o texto, a vida. Podemos dizer que nossa experiência teórico-metodológica fermenta na experienciação? E se pensarmos com Spinoza (2007) diríamos que essa experiência é paixão alegre? Paixão que nos compõe e nos expande, produzindo, sendo potência para diferirmos e sermos o que podemos, o que se pode ser, o que se é (em construção de si).

Definição geral dos afetos: o afeto, que se diz pathema (paixão) do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra (SPINOZA, 2007, p. 152). Espinosa vive sua existência de acordo com os princípios da ascese hedonista do filósofo do Jardim, uma vida propriamente epicurista, portanto: vida saudável, sóbria, privada de paixões negativas, voltada para a coincidência entre seus princípios e seu cotidiano; vida de composição com desejos a esculpir; vida de organização dos prazeres segundo uma aritmética destinada a gerar mais Alegria ao menor custo existencial; vida livre das bugigangas do haver mundano, inteiramente voltada para as virtudes verdadeiras: a razão, a contemplação, a sabedoria, a alegria, a beatitude (ONFRAY, 2009, p. 236).

Objetivamos, talvez, através de nossas experienciações, a promoção e junção entre saúde, educação e artes. Saúde como o nosso estado atual e bem estar - seja físico ou mental. Educação como as relações que tecemos ao longo do caminho, com aprendizagens, trocas, partilhas, contaminações, sensações, afetos, potências, experiências, redes, coletivos. Arte como o ponto de intersecção, de encontro, de reflexão, um espaço, o limbo de expressão, de sentimentos, de sensibilidade, de reconhecimento. Percebemos essa relação, e sua importância, em nosso



cotidiano? Paramos para pensar sobre o que nos constitui, nos constrói, nos toca, nos atravessa, nos afeta, nos vaza? Sobre como estamos, nossas percepções, sensações, emoções e sentimentos? Ou passamos a maior parte do tempo sustentando a afirmação de que somos seres racionais, cartesianos, sem sentimentos, críticos, produtivos? Lucro, produtividade, capital e bens, vem antes da vida? E os sentimentos, e o amor? Maturana (2002) já nos dizia: somos seres emocionais, antes de racionais.

### **MONTAMOS A GERINGONÇA, NAVEGAMOS...**

Entendendo a emoção como movimento e base para qualquer aprendizagem, estivemos em diversos espaços, de diferentes países, promovendo ações ético-político-estéticas. Por meio do Programa de Extensão Geringonça [Pedagogias da diferença. Ecologias da vida. Sustentabilidade] (2018), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cocriamos linhas de fuga, buscamos nossa vontade de potência, vivenciamos, experimentamos e compartilhamos nossas emoções e percepções. Para além da Universidade, transitamos por escolas de periferia e assentamento, instituições públicas e privadas, ocupações, universidades, ruas e países da América Latina. Autoproduzindo intervenções e realizando ações que instiguem o olhar sobre si e o outro, sobre o nosso corpo, nossa cidade, nosso território, nossas redes e conexões. Misturando pedagogias, artes, saúdes, filosofias, diferenças, agindo com/no mundo e permitindo-nos sermos transformadas.

E é transitando pela Ética e Vontade de Potência em Spinoza (2007), entre teias, redes e traços em Deligny (2015), na Educação Popular problematizadora de Freire, na autopoiese, razão e emoção em Maturana (2002), na loucura vivida e co-criada por Nise da Silveira (2018), que nossa Geringonça propõe e busca evidenciar experiências filosóficas, poéticas, brincantes e loucas em/com cada corpo. Um corpo singular, que habita diferentes territórios e se desterritorializa a cada encontro. Corpo único, que compõe outros corpos, que é corpo porque é coletivo, multidão. Corpo emaranhado, que se cria, modifica, transmuta, varia. Corpo que joga, interage, afeta, sente, transcende e a partir disso, reinventa o mundo.

### **NAVEGAÇÃO: AÇÕES EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM SANTA FÉ - ARGENTINA**

Com o intuito de despertar olhares, sentimentos e sensibilidades, uma de nossas ações ocorreu no Seminário de Extensão da Universidad del Litoral (UNL), em Santa Fé – Argentina. No momento do lanche coletivo, organizado por uma associação de economia solidária de usuários de saúde mental, distribuímos corações feitos de dobradura com frases

dentro, como: “Você já abraçou alguém hoje?”, “Tens declarado seu amor?”, “Se ame! Se valorize”, “Você e seu próprio lar!”, “Somos uma mistura!”. Artesanias feitas à mão, simples e no improviso, movidas pelo desejo de criar um espaço, um momento, que propiciasse o pensar sobre quem somos, como nos compomos e conectamos, nossas diferenças e semelhanças, nossas redes, teias e vínculos. Um instante de poesia. Um momento de singeleza, de delicadeza. Assim, como forma de agradecimento pelo lanche preparado, entregamos os corações às cozinheiras e nos afastamos. Após abrir o coração, elas começaram a se abraçar. Instantaneamente. Afetou, tocou, emocionou. Troca de sentimentos, interações que vão além de qualquer escrita, que transpõem as palavras. Depois de se abraçarem, elas andaram até onde estávamos e nos abraçaram também, retribuindo os afetos. Coisa de louco! Das coisas boas de fazer extensão universitária que opera com poesia e enunciados ético-políticos mobilizadores de mudanças de ações, expressões, rotinas e comportamentos.



Figura 5 – Intervenção do Projeto Geringonça em Santa Fé, Argentina. Acervo do Projeto.

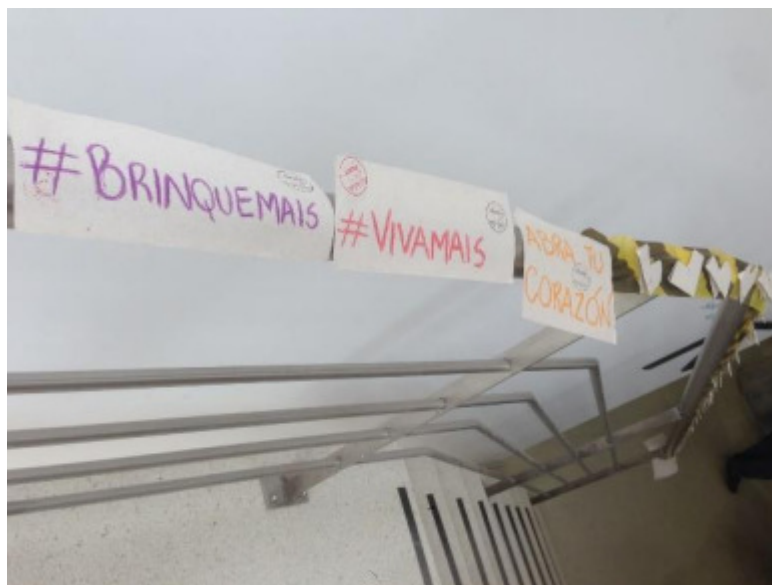


Figura 6 – Intervenção do Projeto Geringonça em Santa Fé, Argentina. Acervo do Projeto.

A vida é um quadro que segue se transformando, e sendo transformada por nós, a cada momento surgem novas cores, desejos, sentimentos. Somos seres autopoieticos, que se autoproduzem e auto-organizam por meio das forças orgânicas. Ao tecermos uma pedagogia viva, pedagogia do agora, integrativa, estamos construindo um mundo mais humano e sensível. O bem viver que buscamos, para nós mesmos e para o coletivo, é o que valoriza o simples e corriqueiro, a natureza, as nossas origens.

Assim, acreditamos na importância do outro e na necessidade de reconhecer suas diferenças e singularidades, para potencializar a multiplicidade do ser e do viver. O Geringonça, além de linha de fuga, nos permite 'Criar Com'. Elemento essencial quando se pensa na dimensão política que há na academia. Educação popular; saberes populares; medicina tradicional e familiar; terapias integrativas; soberania alimentar; agricultura familiar, orgânica e ecológica; sistemas simbióticos. Não seria esse o caminho saudável para a existência humana? Conteúdos complexos e difíceis de serem explorados com crianças, com pessoas com deficiência, com usuários de saúde mental?

O Projeto Geringonça e suas experiências de 'Encontro Com' utiliza-se da conversação, da combinação, da afetividade, da amorosidade, assim como da expressão e exploração estética, ou plástica, de seus conteúdos. Lembramos e releamos, retomamos e revivemos a Pedagogia de Maria Montessori ao convidar para explorar e aprender com os conceitos complexos como os que mencionaremos neste artigo. Vejam o que ela nos dizia sobre o simples-complexo gesto de desenhar o desenho:

Não ensinamos desenho fazendo desenhar, mas oferecendo a oportunidade de aprimorar-se com os instrumentos de expressão. E penso que isto constitui uma autêntica contribuição para o desenho livre, muito melhor do que esses encorajamentos a desenhos monstruosos e incompreensíveis. A análise das dificuldades - análise dos "componentes" - é, ela também, um meio eficaz para o aprendizado de todos os conhecimentos. E no desenho, de um modo especial, encontram-se elementos diferentes: o contorno e a cor. Ora, é a delimitação dos encaixes e o preenchimento dos desenhos que preparam a mão para uma execução segura desses dois elementos. E são vários os meios - lápis de cor, aquarela - que oferecemos às crianças para que façam representações, mesmo sem contorno linear. Damos também pastéis, ensinando a técnica. Assim, a criança aperfeiçoa-se por meio da educação sem que seja necessário intervir em seus trabalhos espontâneos. A intervenção no trabalho é sempre um obstáculo que interrompe o impulso interior da expressão (MONTESSORI, 2017, p. 282).

## **NAVEGAÇÃO: GERINGONÇAR E IR ÀS ESCOLAS ENCONTRAR CRIANÇAS**

Criando com - com saúde, com artes, com educação, com coletivos - vivemos bons encontros na Escola Municipal Rui Barbosa, localizada no assentamento Capela, no município de Nova Santa Rita - RS. Neste território trocamos histórias, melodias, magias, imaginação e experiências da vida no campo. Nossos encontros foram marcados por roda e música. Na roda conseguimos nos ver e interagir de forma horizontal, as energias se encontram, se conectam. Nessa roda, a imaginação fez surgir um caldeirão e jogamos palavras boas dentro dele, como: amor, amigos, família, alegria, geringonça, sanduíche etc. Preparada a mistura, todos nós pulamos dentro do caldeirão e saímos melecados com as coisas boas que tínhamos compartilhado. Coisa de louco!

Nesses encontros também conhecemos a história da Gatuxa, uma gata-bruxa-confeiteira que preparava maravilhosas receitas. A Gatuxa e as crianças criaram um vínculo muito forte, e a gata confeiteira enviava, por meio de suas ajudantes, receitas veganas, receitas especiais e criadas para suas amigas e seus amigos. A primeira receita enviada para as crianças pela Gatuxa foi o 'Brigadeiriz' - brigadeiro vegano que deixa todo mundo feliz. No outro encontro, enquanto estava no México, visitando a Casa Azul da Frida Kahlo, a Gatuxa mandou uma receita de Guacamole - comida típica do país - para ser feita e compartilhada entre todos nós. Comida sustentável, natural, orgânica e sem exploração animal que pode ser feita em casa ou na própria escola. Ingredientes simples que podem ser encontrados no abacateiro, no pé de cebola, no pé de tomate, no pátio da escola, na horta construída e cuidada pelos alunos, pais e professores. Simples e significativa. Aprendizagem experienciada, saboreada, compartilhada, significativa. Experienciação significativa, conversada, artistada e contextualizada.



Figura 7: Intervenções do Projeto Geringonça na Escola Municipal Rui Barbosa, Nova Santa Rita, Rio Grande do Sul, Brasil.



Figura 8: Intervenções do Projeto Geringonça na Escola Municipal Rui Barbosa, Nova Santa Rita, Rio Grande do Sul, Brasil.

Quanta filosofia cabe na ação de uma criança? Corpos pulsantes que demarcam o lugar onde habitam, apropriam-se do espaço, do seu território que se encontra com os dos outros, permitindo-se sentir e ser. Ali, aconteceu uma obra de arte coletiva feita de maneira simples e orgânica. Experiência sensível, pedagogia sensível, que se conecta com os sentimentos, com o cotidiano e a vida das pessoas que participam dela. Educação popular, educação para a emancipação e autonomia. Feminismo e veganismo foram temas trazidos para nossas rodas e vivenciados por crianças de seis a onze anos. Rodas que unificam o que sentimos com o que estamos (re)conhecendo no mundo, potencializando os processos educativos vividos a todo instante. A imaginação, as artes, a expressão, as emoções são os caminhos para transitar neste locus promotor de saúde. A criança nos lembra que podemos viver de forma mais leve e brincante, expressa sua liberdade natural sendo ela mesma. A criança tem espírito livre. Não separa, como acredita-se desde Descartes, a mente do seu corpo. Ao contrário, assume o que nos compõe, uma vez que somos corpo, sem separações entre corpo, mente e espírito. Torna-se importante lembrar aqui a autopoiesis: potência de todos e cada um de produção a si próprio na ação. O que caracteriza o ser vivo é sua organização autopoietica. Seres vivos diferentes se distinguem porque têm estruturas distintas, mas são iguais em organização. Nos compomos em nossos movimentos, imaginações, expressões e afetos. Nos compomos em singular e coletivo.

### **NAVEGAÇÃO: ENCONTROS COM ESTUDANTES E PROFESSORES DA PÓS-GRADUAÇÃO**

Percebemos essa separação entre razão e emoção, a dificuldade de olhar para si, de pensar o abstrato, aproveitar a imaginação, pensar além daquilo que se sabe bem e que domina, em uma de nossas oficinas com pós-graduandos. Parece que ao adentrar o 'templo do saber' – a universidade – esquecemos de nós mesmos e tudo precisa ter uma explicação, um motivo, um embasamento teórico, um referencial, uma linha de pesquisa, uma área de abordagem, um grupo de pesquisa, um orientador que possa endossar.. Ao iniciar estudos na universidade esquecemos da criança que fomos, e de que ela ainda nos habita. O modelo representacionista ainda nos marca e limita, pois acreditamos que estamos separados do mundo. Essa crença não permite compor com o mundo, com a natureza, com o universo, que fazem parte do que somos. Deslocamentos, seja de olhar, de pensamentos, de visão, desacomoda e incomoda. Pensar, de forma abstrata as redes que nos constituem, os trajetos internos e externos que percorremos, é difícil. Observar por outro ângulo, com um outro olhar, ir além da normalidade já imposta, é difícil. Coisa de louco!

### **NAVEGAÇÃO: QUEM É ESSE LOUCO COM QUEM NAVEGAMOS?**

Mas, que coisa de louco é essa? Quem é louco? O que é loucura? Quem define quem é normal e quem é louco?

Assim como a física quântica não distingue matéria de energia, Jung também não separa matéria e psique. Isto é o que me fascina particularmente em Jung: o que leva os indivíduos, que estão vivendo outros estados do ser que se fragmentam, a tentar restabelecer a unidade própria de cada um. Os pequenos modos da substância infinita, como diz Spinoza. E esses modos tem o direito de ser eles próprios (SILVEIRA, 2009, p. 222).

Confiamos que diferentes estados do ser podem e devem ser respeitados em uma arte que é saúde e que é educação. Diferentes estados do ser e seus modos de existir podem ser mobilizados pela arte entrecruzada com a saúde e entrecruzada com a educação. Somos modos da substância infinita. Modos que buscam a sua potência, e a partir dos encontros potencializam sua ação no mundo. Defendemos obras coletivas que respeitam os modos próprios de ser, e entendemos que essas obras coletivas provocam estranhamento, repulsa, recusa, e até mesmo destruição por parte daqueles que se negam a experienciar a arte com a saúde e com a educação. Reviver a imaginação que tínhamos 'da' 'e' com a natureza na infância – e ainda temos –, imaginar mundos mais alegres, coloridos e amorosos. De que forma todo esse contexto reconhecido na universidade nos influencia, influencia e afeta nossa saúde? Espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão! Ainda assim nos perguntamos: como trabalhar, experienciar e valorizar essa loucura? A loucura que é. O louco que é. A pessoa e seus modos de existir. A pessoa e seu modo aracniano de ser. O louco que produz redes. O louco que anda, anda, anda. A louca que pinta, borda, interage, faz filme e escreve poesia - e reside no Hospício. Quem na pós-graduação produz mais do que ela, nos perguntamos! Como trabalhar com essa loucura que não atrapalha, que compõe, que traz leveza, que possibilita saúde? Como trabalhar com essa loucura que contribui com as artes, com a saúde e se relaciona diretamente com o fazer da educação?

### **NAVEGAÇÃO: O QUE SUSTENTA NOSSA LEVEZA, AS ONDAS QUE NOS MOVEM...**

O que lemos? É preciso ler para ter argumentos e sustentar ações Geringonça? Do que falamos? De emoção – como espírito de aventura. De vida como obra de arte – coragem. De coisa de louco - por ser experiência que nos atravessou ao longo dos diferentes encontros nos diversos espaços que navegamos. De coisa de louco, como na terceira forma do conhecimento de Spinoza, em que esta forma de conhecimento se expressa na capacidade de experimentar a eternidade nas/das coisas, experimentar algo que está fora do tempo, a essência da potência em nós, aquilo que há de eterno e se expressa através de tudo, cada coisa, cada substância, cada força de cada matéria, em cada pedrinha, galho,

flor, criança... Spinoza (2007) postula a existência de três gêneros de conhecimento: as experiências vagas, o pensamento dedutivo da razão e a apreensão imediata através da ciência intuitiva. O primeiro gênero de conhecimento se dá de maneira não sistemática, por ouvir dizer. O segundo é prevalente do árduo trabalho das deduções lógicas da razão. O terceiro gênero, tido por Spinoza como a maneira mais elevada de se obter conhecimento, se faz de forma direta, sem os rodeios do pensamento.

Geringonçamos com as teorias? Somos apaixonadas pelas escrituras que se filiem aos modos avessos de dizer do ser, do estar, do aprender. Geringonçamos com os teóricos e as teóricas, os autores e as autoras, as escritoras e os escritores, e, sobretudo, com aqueles que têm saberes de experiência e se dispõem à partilha com todos e qualquer um. Encantadas pelo infinito, por Nise da Silveira, por Spinoza. Formarmos uma teia, nos tornarmos rede de apoio à geringonça com quem reconhecemos e com as coisas que reconhecemos.

### **NAVEGAÇÃO: VENTOS QUE LEVAM NOSSO BARQUINHO ADIANTE!**

Pulsões, (in) tensões, incomodações e desejos nos levaram a ocupar diversos espaços com nossa Geringonça. Nosso barquinho se move, marca e cria histórias. Produz afetos e une potências. Interage e compõe com o outro. Une arte-saúde-educação em uma pedagogia da leveza, da intuição, da sensibilidade. Valoriza a conexão com nós mesmos e com o outro, os múltiplos corpos e suas formas de se autoproduzirem. Reconhece, inclui e convive com as distintas intensidades e estados do ser, com nossa criança interior e suas manifestações. Esse jeito de ser Geringa impulsiona nosso barquinho, fortalece com espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão para seguirmos navegando e expandindo nossa rede!





Figura 9: Registros de crianças para presentear o Projeto Geringonça. Acervo do Projeto.



Figura 10: Registros de crianças para presentear o Projeto Geringonça. Acervo do Projeto.

O que afirmamos na universidade diz respeito à multiplicidade e à composição, sendo inseparável – ao nosso modo e nosso fazer –, o ensino, a extensão e a pesquisa. Concluimos sugerindo que façamos com singeleza exercícios de pesquisa (ensino e extensão): geringonça, multiprofissional, entre-filosofias, com-pedagogias, na diferença diferindo. O Projeto vem construindo materialidades e visualidades, memórias e fotocartografias, registros e histórias, que demonstram que a produção da grande saúde está atrelada - inseparavelmente e irremediavelmente - do encontro alegre, inclusivo e aberto ao outro.

A grande saúde - nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão, nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não aprovado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora (NIETZSCHE, 2012, p. 258).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N1-edições, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MATURANA, H; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos: autopoiese - a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Declaração: isto não é um manifesto**. São Paulo: N1-edições, 2016.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia: os libertinos barrocos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

PROJETO GERINGONÇA. **Memórias do Projeto Geringonça**. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projetogeringonca/> . Acesso em: 31 jul. 2018.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VALENÇA, F.; CARBONAI, D. **Novos atores em movimento: o veganismo como prática política**. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cienciapolitica/files/2014/06/veganismotrabalho.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.

CHIMAMANDA, A. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras, 2014.

## REFERÊNCIA FÍLMICA

**Nise: O coração da loucura**. Direção: Roberto Berliner, 1h46min. Brasil, 2016.

**Nise da Silveira**. Posfácio: imagens do inconsciente. Disponível em: . Acesso em: 31 jul. 2018.

**Nise da Silveira, uma vida uma obra**. Disponível em: . Acesso em: 31 jul. 2018.